

ORGANIZADO POR

**GEORGE R. R. MARTIN
E GARDNER DOZOIS**

COM AVENTURAS ESPACIAIS DE JAMES S. A. COREY / MICHAEL MOORCOCK
MIKE RESNICK / IAN McDONALD / S. M. STIRLING / MARY ROSENBLUM
E OUTROS GRANDES EXPLORADORES

AS CRÔNICAS DE

M Λ R T Σ





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

PARA EDGAR RICE BURROUGHS,
LEIGH BRACKETT, CATHERINE MOORE,
RAY BRADBURY E ROGER ZELAZNY,
QUE INSPIRARAM ESTE LIVRO,
E ROBERT SILVERBERG,
QUE DEVERIA TER ESTADO NELE.

SUMÁRIO

Introdução: A triste música do planeta vermelho • 9
George R. R. Martin

Sangue marciano • 21
Allen M. Steele

O patinho feio • 51
Matthew Hughes

O acidente do *Mars Adventure* • 79
David D. Levine

Espadas de Zar-tu-Kan • 119
S. M. Stirling

Bancos de areia • 149
Mary Rosenblum

Nas Tumbas dos Reis Marcianos • 185
Mike Resnick

Saindo de Scarlight • 227
Liz Williams

Os manuscritos do fundo do mar morto • 251
Howard Waldrop

Um homem sem honra • 263
James S. A. Corey

Escrito no pó • 295
Melinda M. Snodgrass

O canal perdido • 329
Michael Moorcock

A pedra do sol • 371
Phyllis Eisenstein

Rainha do romance barato • 405
Joe R. Lansdale

Marinheiro • 431
Chris Roberson

A ária da rainha da noite • 461
Ian McDonald

SANGUE MARCIANO

ALLEN M. STEELE

Allen Steele vendeu sua primeira história para a revista *Asimov's Science Fiction* em 1988 e, depois disso, continuou publicando diversos contos nela, além de escrever também para revistas como *Analog*, *The Magazine of Fantasy & Science Fiction* e *Science Fiction Age*. Em 1990, publicou seu primeiro romance, o sucesso de crítica *Orbital Decay*, que ganhou o prêmio Locus de Melhor Primeiro Romance. Em pouco tempo Steele estava sendo comparado ao Heinlein da Era de Ouro por ninguém menos que Gregory Benford. Entre seus outros livros estão os romances *Clarke County*, *Space*; *Lunar Descent*; *Labyrinth of Night*; *The Weight*; *The Tranquility Alternative*; *A King of Infinite Space*; *OceanSpace*; *ChronoSpace*; *Coyote*; *Coyote Rising*; *Coyote Frontier*; *Spindrifft*; *Galaxy Blues*; *Coyote Horizon* e *Coyote Destiny*. Seus contos foram publicados em cinco coletâneas: *Rude Astronauts*, *All-American Alien Boy*, *Sex and Violence in Zero-G*, *American Beauty* e *The Last Science Fiction Writer*. Seus livros mais recentes são um romance na série *Coyote*, *Hex*, um romance jovem intitulado *Apollo's Outcasts*, além do hard sci-fi *Arkwright*. Ganhou o prêmio Robert A. Heinlein em 2013, bem como três prêmios Hugo: em 1996 por sua novela "The Death of Captain Future", em 1998 pela novela "Where Angels Fear to Tread" e mais recentemente, em 2011, pela noveleta "The Emperor of Mars". Nascido em Nashville, Tennessee, ele trabalhou para uma série de jornais e revistas, cobrindo as áreas de ciência e negócios; hoje é escritor em tempo integral e mora em Whately, Massachusetts, com a esposa, Linda.

Aqui ele nos leva a um Marte bem diferente do planeta de sua noveleta ganhadora do Hugo, o Velho Marte de sonhos antigos, e para bem longe no deserto marciano, em uma missão que poderia colocar duas raças, e dois mundos, em guerra.

O homem mais perigoso de Marte era Omar al-Baz e, na primeira vez que o vi, ele estava vomitando no porto espacial de Rio Zephyria.

Isso acontece com mais frequência do que você imagina. Muitas pessoas que vêm para cá pela primeira vez não percebem como o ar é rarefeito. O frio também as surpreende, mas me disseram que a pressão atmosférica é mais ou menos a mesma do Himalaia. Elas descem a rampa do ônibus espacial que as trouxe da Estação Deimos e, se a descida não as fizer vomitar, a falta de ar, as dores de cabeça e a náusea que sempre acompanham a altitude farão esse trabalho.

Eu não tinha certeza se o cavalheiro de meia-idade que se curvara para vomitar era o Dr. Al-Baz, mas suspeitei que fosse; eu não notara nenhum outro homem do Oriente Médio em seu voo. Mas não havia nada que eu pudesse fazer por ele. Esperei pacientemente do outro lado da tela metálica de segurança enquanto uma das comissárias de bordo descia a rampa para ajudá-lo. O Dr. Al-Baz a afastou com um gesto; não precisava de nenhuma ajuda, obrigado. Endireitou-se, sacou um lenço do bolso do sobretudo e limpou a boca, depois pegou a mala com rodinhas que deixara cair quando seu estômago se revoltou. Bom saber que ele não era totalmente indefeso.

O Dr. Al-Baz foi um dos últimos passageiros a passar pelo portão. Estacou do outro lado da cerca, olhou ao redor e avistou o cartaz de papelão que eu segurava. Um breve sorriso de alívio, então caminhou até mim.

– Olá, sou Omar al-Baz – disse ele, estendendo a mão. – Você deve ser o Sr. Ramsey.

– Isso mesmo, sou seu guia. Pode me chamar de Jim.

Eu não queria apertar a mão que acabara de limpar uma boca, uma boca que espalhara aquela nojeira por todo o chão limpo, então estendi a mão para segurar a bagagem dele.

– Eu mesmo posso carregar isto, obrigado – disse ele, sem me deixar pegar

a mala que levava. – Mas, se puder me ajudar com o resto da bagagem, eu agradeço.

– Claro. Sem problemas.

Ele não havia me contratado para ser seu carregador e, se ele fosse como alguns de meus ex-clientes, turistas idiotas, eu o teria feito carregar as próprias coisas. Porém já começava a gostar do sujeito: 50 e poucos anos, magro, mas começando a ter uma barriguinha, cabelos pretos encaracolados ficando grisalhos nas têmporas. Ele usava óculos redondos e tinha um bigode grosso embaixo de um nariz aquilino, parecendo um Groucho Marx árabe. Omar al-Baz não podia ser nada além do que era, um professor egípcio-americano da Universidade do Arizona.

Conduzi o Dr. Al-Baz pelo terminal, desviando dos turistas e empresários que também desembarcavam do ônibus espacial das três da tarde.

– O senhor está sozinho ou veio com alguém?

– Infelizmente vim sozinho. A bolsa que a universidade disponibilizou só foi suficiente para comprar uma passagem, mesmo que eu tenha pedido para trazer um aluno como assistente. – Ele franziu a testa. – Isso pode atrasar meu trabalho, mas espero que meu plano seja simples o suficiente para se realizar sozinho.

Eu tinha apenas uma vaga ideia do motivo para ele ter me contratado como guia, mas nem dava para conversar em meio aos ruídos e à confusão do terminal. As malas e as mochilas dos passageiros começavam a descer pela esteira, porém o Dr. Al-Baz não se juntou à multidão que esperava para apanhar a bagagem. Em vez disso, foi direto à janela de carga da PanMars, onde apresentou um punhado de recibos ao atendente. Eu já lamentava ter oferecido ajuda para carregar as malas quando um carrinho foi empurrado por uma porta lateral. Meia dúzia de caixas de alumínio estava empilhada sobre ele; mesmo na gravidade marciana, elas eram grandes e precisavam ser carregadas uma por uma.

– O senhor deve estar de brincadeira comigo – murmurei.

– Desculpe, mas precisei trazer equipamento especializado para o meu trabalho. – Ele assinou um formulário e se virou mais uma vez para mim. – Agora... você tem como levar tudo isto para o meu hotel ou vou precisar chamar um táxi?

Olhei para a pilha de caixas e deduzi que poderia ajeitar todas na parte

de trás do meu jipe. Levamos o carrinho até onde eu havia estacionado, ao lado da entrada da frente, e consegui colocar tudo amarrado com as cordas elásticas que trouxera. O Dr. Al-Baz sentou-se no banco do carona e colocou a mala que carregava no chão entre os pés.

– Primeiro passamos no hotel? – perguntei ao assumir o meu lugar atrás do volante.

– Isso, por favor... e depois não me importaria de tomar um drinque. – Ele percebeu o olhar questionador no meu rosto e me deu um sorriso de quem sabe das coisas. – Não, não sou seguidor devoto do Profeta.

– Fico feliz em saber. – Eu gostava mais dele a cada momento. Não confio em gente que não toma cerveja. Liguei o jipe e saí. – Então... o senhor disse no seu e-mail que gostaria de visitar um povoado aborígine. A ideia ainda está de pé?

– Está. – Ele hesitou. – Mas, agora que nos conhecemos, acho justo lhe contar que isso não é tudo que pretendo fazer. A viagem para cá envolve mais do que só conhecer os nativos.

– É mesmo? O que mais o senhor quer?

Ele olhou para mim por sobre seus óculos.

– O sangue de um marciano.

Quando eu era criança, um dos meus filmes favoritos era *Guerra dos mundos*, a versão de 1953; ele foi feito doze anos antes de as primeiras sondas chegarem a Marte. Mesmo naquela época, as pessoas já sabiam que o ambiente de Marte era semelhante ao da Terra: os espectroscópios revelaram a presença de uma atmosfera de oxigênio-nitrogênio e fortes telescópios tornaram visíveis os mares e os canais. Mas ninguém sabia ao certo se o planeta era habitado até *Ares I* pousar lá em 1977. Foi por isso que George Pal pôde ousar bastante quando ele e a equipe do seu filme tentaram imaginar como seria um marciano.

De qualquer maneira, tem uma cena no filme em que Gene Barry e Ann Robinson conseguem chegar a Los Angeles depois de escapar da casa de fazenda onde foram presos pelos invasores alienígenas. Barry se encontra com seus colegas cientistas na Pacific Tech e apresenta uma lente de câmera arruinada que conseguiu agarrar enquanto lutava contra os marcianos. A lente está embrulhada no lenço de Ann Robinson, que ficou todo sujo de gosma quando Gene bateu num monstinho verde com um cano quebrado.

“E isto”, diz ele melodramático, mostrando o lenço para os outros cientistas, “é o sangue de um marciano!”

Sempre adorei essa parte. Então, quando o Dr. Al-Baz disse quase a mesma coisa, fiquei me perguntando se ele estava sendo engraçadinho, usando uma frase de um filme clássico que a maioria dos colonos devia ter visto. Mas ele não piscou nem deu um sorrisinho irônico. Parecia estar falando sério.

Decidi deixá-lo esperando uma resposta até tomarmos aquele drinque juntos e segurei a língua enquanto o levava até Rio Zephyria. A reserva do professor era no John Carter Casino Resort, localizado perto da praia do Mare Cimmerium. Não era uma surpresa: aquele era o hotel mais famoso de Rio e a maioria dos turistas tenta reservar quartos ali. Edgar Rice Burroughs passava por um renascimento literário na época em que ele foi construído e alguém decidiu que *Uma princesa de Marte* e suas sequências seriam um excelente tema para um cassino. Desde então ele se tornou o lugar no qual a maioria das pessoas pensa quando sonha em fazer uma viagem de férias para Marte.

Bom para elas, mas eu tenho vontade de jogar uma pedra naquelas janelas pintadas de dourado toda vez que passo por lá. É um monumento de dez andares a cada coisa imbecil que os humanos fizeram desde que chegaram. E se eu, uma pessoa que nasceu e foi criada em Marte, me sinto assim, imagine o que os *shatan* pensam dele... quando chegam perto o bastante para vê-lo, claro.

Foi difícil avaliar a reação do Dr. Al-Baz ao estacionarmos na frente do saguão do hotel. Eu começava a entender que sua expressão normal era de estoicismo. Mas, enquanto o carregador tirava suas coisas do jipe e as colocava em um carrinho, o professor avistou a entrada do cassino. O porteiro tinha pele escura e um pouco mais de 2 metros de altura; ele usava o albornoz de um aborígine, com um sabre enfiado na bainha do cinturão.

O Dr. Al-Baz o encarou.

– Aquele não é um marciano, é?

– Não, a menos que ele costumasse jogar como centroavante dos Blue Devils. – O Dr. Al-Baz ergueu uma sobrancelha e eu sorri. – Aquele ali é Tito Jones, astro do time de basquete da Universidade Duke... ou pelo menos era até chegar aqui. – Balancei a cabeça. – Pobre coitado... Ele não sabia por que o cassino tinha contratado um astro do basquete para ser recepcionista de celebridades até que deram essa roupa a ele.

O Dr. Al-Baz já havia perdido o interesse.

– Eu estava torcendo para que ele fosse um marciano – disse baixinho. – Teria tornado as coisas mais fáceis.

– Eles não estariam aqui nem mortos... nem em nenhum lugar perto das colônias, na verdade. – Virei-me para seguir o carregador pela porta giratória. – A propósito, nós não os chamamos de “marcianos”. O termo correto é “aborígenes”.

– Vou me lembrar disso. E como os mar... os aborígenes chamam a si mesmos?

– Eles chamam a si mesmos de *shatan*... que significa “pessoas” no idioma deles. – Antes que ele pudesse fazer a óbvia pergunta seguinte, acrescentei: – A palavra deles para nós é *nashatan*, ou “não pessoas”, mas só usam essa palavra quando estão sendo educados. Eles nos chamam de muitas coisas, a maioria delas bem desagradável.

O professor assentiu e ficou quieto por algum tempo.

A Universidade do Arizona podia não ter cacifê para pagar a passagem de um estudante da graduação, mas compensaram isso reservando uma suíte de dois quartos no hotel. Depois que o carregador esvaziou o carrinho e saiu, o Dr. Al-Baz explicou que pretendia transformar o cômodo principal, um grande salão com bar, em laboratório temporário. Mas não desfez as malas naquele instante; estava pronto para o drinque que eu prometera. Deixamos tudo no quarto e pegamos o elevador para voltar ao térreo.

O bar do hotel ficava no cassino, mas eu não queria beber em um lugar onde o bartender está fantasiado de senhor da guerra de Barsoom e as garçonetes estão embonecadas como princesas de Helium. O John Carter é o único lugar em Marte onde as pessoas se vestem assim; ninguém em sã consciência usaria essa quantidade mínima de roupas fora de casa, nem mesmo no meio do verão. Voltamos ao jipe e saí das redondezas do hotel, me dirigindo para a parte velha da cidade, um lugar que os turistas quase nunca visitam.

Existe um ótimo boteco a cerca de três quadras do meu apartamento. O lugar não estava lotado, pois ainda era fim de tarde. O bar estava quieto e escuro, perfeito para conversar. O dono me conhecia, então ele trouxe uma jarra de cerveja assim que o professor e eu escolhemos uma mesa nos fundos.

– Vá devagar com isso aí – falei para o Dr. Al-Baz ao colocar a cerveja numa tulipa e a empurrar pela mesa na direção dele. – Até você se aclimatar, o impacto pode ser bem violento.

– Vou seguir seu conselho. – O professor tomou um gole para experimentar e sorriu. – Ótima. Melhor do que eu esperava, na verdade. É daqui?

– Hellas City Amber. Você acha que nós mandaríamos vir cerveja direto da Terra? – Como tínhamos assuntos mais importantes para discutir, falei de uma vez: – Que história é essa de querer sangue? Quando você entrou em contato comigo, só disse que precisava que eu o levasse a um povoado aborígine.

O Dr. Al-Baz ficou em silêncio por um instante. Brincou com a tulipa, girando-a entre os dedos.

– Tive medo de dizer toda a verdade – disse ele por fim – e você não concordar em me levar. E você foi muito bem recomendado. Pelo que entendi, não só é nativo como seus pais estavam entre os primeiros colonos.

– Fico surpreso que o senhor saiba disso. Deve ter conversado com um antigo cliente meu.

– Você se lembra de Ian Horner? Antropólogo da Universidade de Cambridge?

De fato eu me lembrava, embora não de modo agradável. O Dr. Horner me contratara para ser seu guia, mas, se você fosse acreditar em tudo que ele dizia, era capaz de achar que ele sabia mais sobre Marte do que eu.

Fiz um gesto afirmativo para o Dr. Al-Baz, guardando minha opinião para mim mesmo.

– Ele é meu amigo – continuou o professor –, ou pelo menos alguém com quem tive contato profissional.

– Então o senhor também é antropólogo.

– Não. – Ele bebeu mais um gole da cerveja. – Biólogo. Pesquisador... astrobiólogo, para ser exato. Estudo formas de vida extraterrestres. Até agora a maior parte da minha obra tem sido sobre Vênus. Esta é a primeira vez que venho a Marte. Claro, Vênus é diferente. Seu oceano global é bem interessante, mas...

– Professor, não quero ser grosseiro, mas o senhor pode chegar logo ao ponto e me dizer por que deseja o sangue de um... – Diabos, ele quase me fez dizer isso! – um aborígine?

Voltando a se recostar em sua cadeira, o Dr. Al-Baz juntou as mãos sobre o tampo da mesa.

– Sr. Ramsey...

– Jim.

– Jim, você conhece a hipótese de panspermia? A ideia de que a vida na

Terra pode ter origem extraterrestre, de que pode ter vindo de algum lugar do espaço?

– Não, nunca ouvi falar nisso... mas acho que, quando você diz “algum lugar”, quer dizer aqui.

– Correto. Eu quero dizer Marte. – Ele pressionou o indicador sobre o tampo da mesa com firmeza. – Você nunca parou para pensar por que existe uma semelhança tão grande entre humanos e aborígenes marcianos? Por que as duas raças se parecem tanto, mesmo sendo de mundos separados por mais de 70 milhões de quilômetros?

– Evolução paralela.

– Claro, imagino que você tenha aprendido isso na escola. A explicação convencional é que, como ambos os planetas possuem condições ambientais semelhantes, a evolução foi mais ou menos a mesma nos dois mundos, as diferenças sendo que os marcianos... aborígenes, perdão... são mais altos devido à menor gravidade na superfície, possuem metabolismo mais intenso por causa da temperatura mais fria, têm uma pele bem mais escura por conta da camada de ozônio mais fina e assim por diante. Essa tem sido a teoria dominante porque é a única que parece abarcar todos os fatos.

– Exato, foi isso que aprendi.

– Bem, meu amigo, tudo que você aprendeu está errado. – Ele logo balançou a cabeça, como se estivesse envergonhado pelo seu surto momentâneo de arrogância. – Desculpe. Não quis parecer superior. Mas é que eu e vários colegas acreditamos que as semelhanças entre o *Homo sapiens* e o *Homo artesian* não podem ser atribuídas só à evolução. Acreditamos que existe um elo genético entre as duas raças, que a vida na Terra... a vida humana em particular... possa ter se originado em Marte.

O Dr. Al-Baz fez uma pausa, dando um momento para que suas palavras pudessem surtir mais efeito. E foi o que aconteceu. Eu já estava começando a me perguntar se ele era maluco.

– Ok – respondi, tentando não sorrir –, vou morder a isca. O que leva o senhor a pensar assim?

– Primeiro, a composição geológica de vários meteoritos encontrados na Terra é idêntica àquela de amostras de rocha trazidas de Marte. E para isso existe a teoria de que, em algum ponto no passado distante, aconteceu uma explosão cataclísmica na superfície marciana... Talvez a erupção do Monte

Daedalia ou de um dos outros vulcões na cordilheira Albus... Enfim, foi essa explosão que ejetou destroços para o espaço. Esses destroços viajaram como meteoros para a Terra, na infância de nosso planeta. Eles podem ter levado moléculas orgânicas que semearam a Terra com vida, do tipo que ainda não existia lá.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

– Segundo: quando o genoma humano foi sequenciado, uma das descobertas mais surpreendentes foi a existência de seções de DNA que não têm propósito aparente. Seria como uma máquina com peças a mais que não exercem nenhuma função. Não existe razão para elas estarem lá e, no entanto, estão. É possível que essas seções fantasmas sejam biomarcadores genéticos deixados para trás por material orgânico levado de Marte para a Terra.

– É por isso que deseja uma amostra de sangue? Para ver se existe um elo? Ele assentiu.

– Trouxe um equipamento que me permitirá fazer o sequenciamento, pelo menos parcial, do código genético de uma amostra de sangue aborígine e compará-lo ao de um humano. Se o genoma nativo tiver seções arcaicas não funcionais comparáveis às encontradas no genoma humano, teremos uma comprovação da hipótese de que a vida na Terra se originou em Marte e de que as duas raças estão ligadas.

Fiquei em silêncio por alguns segundos. O Dr. Al-Baz não parecia mais tão louco quanto há dois minutos. Por mais estranho que parecesse, o que ele dizia fazia sentido. E, se a hipótese fosse verdadeira, as implicações seriam impressionantes: os *shatan* seriam primos próximos dos habitantes da Terra, e não apenas uma raça primitiva que encontramos por acaso ao chegar a Marte.

Eu não estava preparado para acreditar nisso. Havia conhecido muitos *shatan* para aceitar com facilidade a ideia de que eles tinham algo em comum com meu povo. Ou pelo menos assim eu pensava...

– Ok, entendi o que o senhor está querendo. – Peguei meu copo e tomei um longo gole. – Mas vou avisar logo: conseguir essa amostra de sangue não vai ser fácil.

– Eu sei. Entendo que os aborígines são um tanto reclusos...

– O senhor está suavizando muito a verdade. – Voltei a apoiar o corpo na mesa. – Eles nunca quiseram ter contato com a gente. A expedição de *Ares I* já estava aqui havia quase três semanas até alguém ver um deles, e mais um

mês se passou antes de qualquer contato significativo. Levamos anos para aprender a língua deles e as coisas só pioraram quando começamos a estabelecer colônias. Quando chegávamos a um novo local, os *shatan* já haviam se mudado. Recolhiam tudo que possuíam, chegavam até a queimar suas aldeias para que não pudéssemos explorar suas habitações. Foi assim que eles se tornaram nômades. Não estabelecemos nenhum tipo de comércio... e pouca coisa em termos de trocas culturais.

– No que eles deixaram para trás, alguém conseguiu algum tipo de material orgânico? Uma amostra de cabelo, saliva, pele?

– Não. Eles nunca deixaram algum artefato desse tipo para trás. Relutam até em deixar que a gente toque neles. Aquela roupa que você viu Tito Jones usando, sabe? Não é de verdade. É só uma fantasia baseada em algumas fotos.

– Mas nós aprendemos o idioma deles.

– Só um pouco de um dos dialetos. Sabemos um *shatan* primário, na verdade. – Passei distraído o dedo pela borda da tulipa. – Se o senhor está contando comigo para ser seu intérprete... bem, não espere muito. Sei o suficiente para me virar, é só. Apenas sou capaz de evitar que eles joguem uma lança em nós.

O Dr. Al-Baz ergueu uma sobrancelha.

– Eles são perigosos?

Eu não queria contar algumas das piores histórias, já tinha espantado outros clientes assim, então tentei acalmá-lo:

– Não, desde que o senhor se comporte. Eles podem ser... bem, um pouco agressivos... se você cruzar o limite deles. Conheci alguns membros de tribos locais e eles me conhecem bem o bastante para me deixar visitar suas terras. Mas não sei bem quanto eles confiam em mim. – Hesitei. – O Dr. Horner não foi muito longe com eles. Tenho certeza de que ele contou ao senhor que eles não o deixaram entrar em sua aldeia.

– Contou, sim. Mas, para dizer a verdade, Ian sempre foi um pouco imbecil. Imagino que, contanto que me aproxime deles com humildade, eu possa ter mais sucesso que ele.

Gargalhei quando ele disse isso e o professor me retribuiu com um breve sorriso.

Ian Horner chegara a Marte com a atitude de um oficial do Exército britânico visitando a Índia colonial: um ar de condescendência e superioridade

que os *shatan* entenderam de imediato. Como resultado, ele pouco aprendeu e saiu de lá se referindo aos “abos” como “desgraçados sem vergonha na cara”. Com certeza os aborígenes sentiram a mesma coisa a seu respeito... mas pelo menos o deixaram viver.

– Então, você vai me levar lá? A uma das aldeias, quero dizer?

– Foi para isso que o senhor me contratou, não foi? Então... sim, claro. – Voltei a pegar minha cerveja. – O vilarejo mais próximo fica cerca de 150 quilômetros a sudoeste daqui, num oásis do deserto perto do canal Laestrygon. Vamos levar uns dois dias para chegar lá. Espero que o senhor tenha trazido roupas quentes e botas de alpinismo.

– Eu trouxe uma parca e botas. Mas você tem seu jipe, não tem? Por que teremos que caminhar?

– Vamos dirigir só até chegarmos perto da aldeia. Depois teremos que sair e andar o resto do caminho. Os *shatan* não gostam de veículos motorizados. O deserto equatorial é muito rigoroso, então é melhor se preparar para ele.

O Dr. Al-Baz sorriu.

– Você acha que pareço alguém que nunca estive em um deserto?

– Não... mas Marte não é a Terra.

Passei o dia seguinte me preparando para a viagem: peguei o equipamento de camping que estava no barracão que eu havia alugado no guarda-volumes, comprei comida e enchi garrafas de água, coloquei células de combustível novas no jipe e conferi a calibragem dos pneus. Certifiquei-me de que o Dr. Al-Baz tinha as roupas certas para vários dias em território selvagem e também passei para ele o endereço de um alfaiate local. Mas não precisava ter me preocupado, ele não era um daqueles turistas tolos o bastante para sair no deserto usando bermuda e sandálias.

Quando fui buscá-lo no hotel, vi que o professor transformara mesmo sua suíte num laboratório. Dois computadores modernos estavam montados em cima do bar, um microscópio e um rack com tubos de ensaio estavam em cima da mesinha de café e a TV estava virada de lado para abrir espaço para uma pequena centrífuga. Havia mais equipamentos sobre a escrivaninha birô e as mesinhas; eu não sabia para que servia nada daquilo, mas avistei um símbolo de radiação em um deles e um adesivo escrito

CUIDADO – LASER em outro. O carpete estava coberto com lâminas de plástico e havia até um jaleco pendurado no armário. O Dr. Al-Baz não falou nada sobre isso; só pegou a mochila e a câmera, colocou um chapéu de abas largas e me seguiu porta afora, fazendo uma pausa para colocar o aviso de NÃO PERTURBE na maçaneta.

Turistas nos encararam quando ele jogou a mochila na traseira do meu jipe. As pessoas sempre se surpreendiam ao verem alguém visitando Marte para fazer alguma coisa além de beber e perder dinheiro nos cassinos. Dei partida no jipe, saímos a toda do John Carter e em quinze minutos estávamos fora da cidade, atravessando as fazendas irrigadas que cercavam Rio Zephyria. Os pinheiros escarlate enfileirados nas margens do Mare Cimmerium se tornavam mais escassos à medida que avançávamos pelas estradas de terra. Só veículos de fazendas e caminhões de transporte de madeira costumavam usar aquelas estradas, e até mesmo eles sumiram quando deixamos a colônia para trás e adentramos o deserto que não deixa rastros.

Já me disseram que o deserto marciano parece um bocado com o sudoeste dos Estados Unidos, só que tudo é vermelho. Eu nunca estive na Terra, então não sei se é verdade, mas, se alguém no Novo México avistar uma criatura de seis patas que parece uma vaca peluda ou uma ave de rapina que lembra um pterodátilo e emite um som de hiena, por favor, me procure. E fique longe daqueles poços que parecem bancos de areia de campos de golfe; existe algo dentro deles que comerá você vivo, um membro de cada vez.

À medida que avançávamos pelo deserto, desviando de pedregulhos e sacolejando ao passar sobre pedras menores, mais o Dr. Al-Baz se agarrava na barra do teto do jipe, fascinado pela vastidão selvagem que se abria diante de nós. Essa era uma das coisas que faziam meu trabalho valer a pena: ver lugares familiares pelos olhos de alguém que nunca esteve aqui antes. Apontei para uma lebre marciana que pulava para longe de nós e parei por um segundo para deixar que ele tirasse fotos de um rebanho de *stakhas* que voava bem alto acima de nós, rodopiando e gritando para manifestar seu desagrado com nossa invasão.

Cerca de 70 quilômetros a sudeste de Rio, chegamos ao canal Laestrygon, que corria para o sul a partir do mar. Quando Percival Lowell avistou os primeiros canais marcianos com seu telescópio, pensou que fossem artificialmente escavados. Ele estava mais ou menos certo: os *shatan* haviam

alterado a rota de rios já existentes, desviando-os para que seu leito desaguasse em um local mais apropriado. O fato de terem feito isso com maquinário rudimentar, quase completamente movido pela força de seus músculos, nunca deixava de surpreender. O povo da Terra tende a subestimar os *shatan*, mas eles são primitivos, não burros.

Seguimos o canal mantendo uma distância segura para não sermos avistados com facilidade do convés de um barco *shatan* que pudesse estar por ali. Eu não queria que nenhum aborígine nos visse antes de chegarmos à aldeia; eles poderiam transmitir a notícia da chegada de humanos e dar ao chefe a chance de mandar que seu povo recolhesse tudo e migrasse para outro lugar. Mas não vimos ninguém; o único sinal de habitação era uma estreita ponte suspensa de madeira que cruzava o canal como um arco enorme, e mesmo ela não parecia ser usada com frequência.

Ao final da tarde, entramos no território das colinas. Planaltos de topo achatado se erguiam ao nosso redor, com pináculos de pedra maciça despontando entre eles; os picos serrilhados das montanhas estavam logo além do horizonte. Dirigi até quase o pôr do sol, estacionei atrás de uma formação rochosa, uma chaminé de fada, e parei para a noite.

O Dr. Al-Baz armou a tenda enquanto eu apanhava lenha de arbustos mortos. Assim que consegui fazer uma fogueira, suspendi uma panela sobre as brasas e a enchi com uma lata de cozido. O professor comprara duas garrafas de vinho tinto antes de deixarmos a cidade; abrimos uma para o jantar e fomos bebendo devagar depois de comermos.

– Então, me conte uma coisa – disse o Dr. Al-Baz depois de termos limpado a panela, os pratos e as colheres. – Por que você se tornou guia?

– Em vez de conseguir trabalho como crupiê de vinte e um, você quer dizer? – Pousei os utensílios de cozinha num pedregulho. Uma brisa constante chegava do oeste; a areia que ela carregava iria limpá-los de vez. – Para dizer a verdade, nunca pensei sobre isso. Meus pais são colonos de primeira geração, nasci e me criei aqui. Comecei a andar pelo deserto assim que tive idade suficiente para sair sozinho, então...

– É isso. – O professor se aproximou um pouco mais do fogo, estendendo as mãos para aquecê-las. Agora que o sol havia se posto, uma noite fria nos esperava; já podíamos ver nossa respiração à luz do fogo. – A maioria dos colonos que conheci parece satisfeita em ficar apenas na cidade. Quando dis-

se a eles que estava planejando uma viagem ao deserto, todos olharam para mim como se eu fosse louco. Alguns até sugeriram que eu comprasse uma arma e fizesse um seguro de vida extra.

– Seja lá quem disse ao senhor para comprar uma arma, não sabe nada sobre os *shatan*. Eles nunca atacam sem serem provocados, e a maneira mais fácil de irritá-los é se aproximar de uma de suas aldeias com uma arma. – Dei palmadinhas na faca utilitária no meu cinturão. – Isto é o mais perto que chego de carregar uma arma quando existe qualquer possibilidade de encontrar aborígines. Um dos motivos pelos quais tenho boas relações com eles... eu tenho boas maneiras.

– Acho que maioria das pessoas aqui nunca viu um aborígine.

– O senhor tem razão, não viram mesmo. Rio Zephyria é a maior colônia, e isso se deve ao turismo, mas os residentes permanentes também engrossam o número de habitantes. Eles preferem viver onde existem banheiros com descarga e TV a cabo. – Sentei-me do outro lado da fogueira. – Eu não penso assim. Só moro lá porque é onde encontro turistas. Se não fosse por isso, eu ficaria em algum lugar aqui fora e só iria à cidade quando precisasse comprar suprimentos.

– Entendo. – O Dr. Al-Baz pegou nossas canecas de estanho e serviu um pouco de vinho em cada uma. Ele me entregou uma delas e continuou: – Perdoe se eu estiver errado, mas não parece que você aprova muito a atitude de seus colegas colonos.

– Não aprovo. – Tomei um gole e pus a caneca ao meu lado; não queria ficar com a cabeça cheia de vinho na véspera de fazer um acordo com uma tribo *shatan*. – Meu pessoal veio para cá para explorar um novo mundo, mas todos que vieram *depois* daqueles colonos originais... bem, o senhor viu como é. Nós estamos construindo hotéis, cassinos e shoppings, e introduzindo espécies invasoras em nossas fazendas e jogando nosso esgoto nos canais, e, durante a conjunção, naves trazem mais pessoas que pensam que Marte é como Las Vegas, só que sem tantas putas... se bem que temos muitas delas aqui também.

Enquanto falava, levantei a cabeça para olhar o céu noturno. As maiores constelações brilhavam com força: Ursa Maior, Draco, Cygnus, com Deneb como a Estrela Polar. Não se pode ver a Via Láctea muito bem na cidade; é preciso sair para o deserto para ter uma vista decente do céu noturno marciano.

– Quem pode culpar os *shatan* por não quererem contato com a gente? Eles compreenderam tudo assim que nós aparecemos. – Lembrando um

pensamento que tive na véspera, ri sozinho. – Os filmes antigos entenderam tudo ao contrário. Marte não invadiu a Terra... A Terra é que invadiu Marte.

– Eu não tinha percebido que você guardava tanto ressentimento.

Achei que tinha ferido os sentimentos do professor, e aquilo não era maneira de tratar um cliente.

– Não, não... não é o senhor – apressei-me em acrescentar. – Acho que ninguém pegaria o senhor numa mesa de pôquer.

Ele soltou uma gargalhada.

– Não, acho que a universidade não olharia com bons olhos se meu relatório de custos incluísse fichas de pôquer.

– Que bom. – Hesitei, mas continuei: – Só me faça um favor, sim? Se encontrar alguma coisa aqui que possa... não sei... tornar as coisas piores, o senhor poderia considerar a possibilidade de guardar isso para si mesmo? Os humanos já fizeram muitas coisas idiotas aqui. Não precisamos de mais.

– Vou tentar me lembrar disso – respondeu o Dr. Al-Baz.

No dia seguinte, encontramos os *shatan*. Ou melhor, eles nos encontraram.

Levantamos acampamento e continuamos a seguir o Laestrygon em seu caminho para o sul por entre as colinas do deserto. Passei a viagem inteira prestando bastante atenção na distância que havíamos percorrido e, quando estávamos a cerca de 50 quilômetros de onde eu me lembrava que ficavam os povoados aborígenes, comecei a dirigir mais próximo da margem do canal. Mande o Dr. Al-Baz ficar de olho em qualquer sinal de habitação (trilhas ou acampamentos abandonados, deixados para trás por grupos de caça), mas o que encontramos foi muito mais óbvio: outra ponte suspensa e, passando por baixo dela, um barco *shatan*.

O barco no canal era um catamarã estreito com cerca de 10 metros de comprimento, uma pequena cabine na popa e grandes velas brancas captando o vento do deserto. As figuras que se moviam no barco não nos notaram até que uma delas avistou o jipe. Ela soltou um grito cantado, *wallawallawalla!*, e as outras pararam e olharam na direção para a qual ela apontava. Então outro *shatan* em pé no alto da cabine gritou alguma coisa e todos correram em disparada para dentro, com seu capitão desaparecendo por um alçapão no teto. Em segundos o catamarã se tornou um navio fantasma.

– Uau. – O Dr. Al-Baz ficou ao mesmo tempo surpreso e decepcionado. – Eles realmente não querem nos ver, não é?

– Na verdade, não querem *ser vistos*. – Ele me olhou de esguelha, sem entender a diferença, então acrescentei: – Acreditam que, se não puderem ser vistos, desaparecem do mundo. Esperam que, para nós, tenham cessado de existir. – Dei de ombros. – Tem sua lógica, se parar para pensar.

Não havia por que tentar convencer a tripulação a sair de seu esconderijo, então deixamos o barco para trás e continuamos a seguir margeando o canal. Mas o catamarã mal havia sumido de vista quando ouvimos um rugido pouco atrás de nós, como uma trompa. O som ecoou pelas rochas mais próximas. Mais dois sopros prolongados... e silêncio.

– Se houver mais algum *shatan* por perto, ele vai ouvir isso e saber que estamos chegando. Eles vão repetir o mesmo sinal com suas trompas e assim por diante, até que ele chegue à aldeia.

– Então eles sabem que estamos aqui – disse o Dr. Al-Baz. – Será que vão se esconder como os outros?

– Talvez. – Dei de ombros. – Isso é com eles.

Por muito tempo, não avistamos nada nem ninguém. Estávamos a mais ou menos 8 quilômetros da aldeia quando demos com outra ponte. Dessa vez, vimos duas figuras paradas ao pé dela. Elas pareciam anormalmente altas até mesmo para os aborígenes, mas só quando chegamos perto entendemos o porquê: cada uma delas estava montada em um *hatta*, uma enorme criatura semelhante a um búfalo, mas com seis patas e um pescoço alongado, que os nativos domam como animal de carga. Porém não foram as montarias que chamaram minha atenção, mas as longas lanças que carregavam e os pesados trajes de pele de animal que vestiam.

– Ô-ou... – falei baixinho. – Isso não é bom.

– O que não é bom?

– Eu estava esperando que encontrássemos caçadores... mas esses sujeitos são guerreiros. Eles podem ser um pouco... hum, intensos. Mantenha as mãos à vista e nunca desvie o olhar deles.

Parei o jipe a cerca de 10 metros dos guerreiros. Descemos e caminhamos lentamente na direção deles, as mãos ao lado do corpo. Quando chegamos perto, os guerreiros desmontaram de seus animais, mas não se aproximaram demais, só aguardaram em silêncio.

Quando os donos do John Carter contrataram uma estrela do basquete para se fantasiar de *shatan*, pensavam em encontrar alguém que pudesse se passar por um aborígine marciano. Tito Jones foi o melhor que puderam conseguir, mas ele não era o tipo exato. Os *shatan* parados diante de nós eram mais altos, a pele escura como o céu à meia-noite, os cabelos longos e sedosos tinham cor de ferrugem e seus rostos tinham traços finos que lembravam alguém de ascendência norte-europeia. Eles usavam trajes empoeirados cor de marfim que os faziam parecer vagamente beduínos, as mãos que agarravam as lanças eram maiores que as de um humano, com dedos de unhas longas e tendões que chamavam atenção.

Olhos dourados atentos nos estudavam à medida que nos aproximávamos. Quando chegamos perto o bastante, ambos os guerreiros plantaram com firmeza as lanças no chão à nossa frente. Pedi que o Dr. Al-Baz parasse, mas não precisei lembrá-lo de que não desviasse o olhar deles. Ele olhava para os *shatan* com uma curiosidade impressionada; realmente era um cientista observando seu tema de estudo de perto pela primeira vez.

Levantei ambas as mãos, as palmas para cima, e disse:

– *Issah tas sobbata shatan. Seyta nashatan habbalah sa shatan heysa.* (Saudações, honoráveis guerreiros *shatan*. Por favor, permitam que nós, viajantes humanos, entremos em sua terra.)

O guerreiro à esquerda respondeu:

– *Katas nashatan Hamsey. Sakey shatan habbalah fah?* (Conhecemos você, humano Ramsey. Por que retornou à nossa terra?)

Não fiquei surpreso por terem me reconhecido. Poucos humanos falavam a língua deles (e não muito bem; eu provavelmente soava como uma criança para eles) ou conheciam o caminho para sua aldeia. Mesmo que eu não conhecesse aqueles guerreiros, não tinha dúvidas que eles tinham ouvido falar de mim. E tentei não sorrir com a pronúncia errada de meu nome: os *shatan* têm dificuldade para emitir o som do “r”.

– Trouxe um convidado que deseja aprender mais sobre seu povo – respondi, ainda falando o dialeto local. Estendi a mão para o professor. – Permitam-me apresentar a vocês Omar al-Baz. Ele é um sábio em busca de conhecimento.

Evitei chamá-lo de “doutor”, já que essa palavra tem um significado específico na língua deles e se refere somente a alguém que pratica medicina.

– Humanos não querem saber nada sobre nós. Tudo que querem é pegar o que não pertence a eles e arruinar.

Balancei a cabeça; estranhamente, esse gesto específico significa a mesma coisa tanto para *shatan* quanto para *nashatan*.

– Isso não é verdade. Muitas pessoas do meu povo fazem isso, mas não todas. Em seu mundo, Al-Baz é um professor. O que ele aprender de vocês, ele dirá aos seus alunos, e assim aumentará o conhecimento que eles têm do seu povo.

– O que você está dizendo? – sussurrou o Dr. Al-Baz. – Estou reconhecendo meu nome, mas...

– Shh. Deixe-me terminar. – Continuei falando na língua nativa: – Querem por favor nos escutar à sua aldeia? Meu companheiro deseja implorar um favor ao seu chefe.

O outro guerreiro deu um passo à frente, caminhando na direção do professor até ficar bem diante dele. O *shatan* era enorme se comparado ao Dr. Al-Baz; tudo nele era ameaçador, mas o professor não se mexeu, não falou nada e continuou a fitar o *shatan* nos olhos. O silencioso guerreiro sustentou o olhar por um longo momento e depois se virou para mim.

– O que ele quer de nosso chefe? Fale e decidiremos se vamos permitir que vocês entrem em nossa aldeia.

Hesitei, mas voltei a balançar a cabeça.

– Não. A pergunta dele só pode ser feita ao chefe.

Estava me arriscando. Recusar a exigência de um guerreiro *shatan* que protege sua terra não era um bom jeito de fazer amigos. Mas acreditava que os guerreiros não me entenderiam se eu dissesse que o Dr. Al-Baz queria tirar um pouco do sangue deles; eles poderiam achar que suas intenções eram hostis. O melhor era fazer com que o professor pedisse diretamente ao chefe para tirar uma amostra de sangue de um membro de seu povo.

O *shatan* olhou para nós por um momento sem dizer nada, depois se virou e caminhou alguns metros para conferenciar baixinho com o outro.

– O que está havendo? – perguntou o professor, mantendo a voz baixa. – O que você disse a eles?

Fiz um resumo da conversa, incluindo a atitude arriscada que tomara.

– Acho que a coisa pode se desenrolar de três formas diferentes. Primeiro, eles podem levar a questão até o chefe, o que significa que o senhor pode ter seu

desejo atendido se souber jogar bem suas cartas. Segundo, eles podem nos mandar passear. Se isso acontecer, nós viramos as costas, vamos embora e acabou.

– Inaceitável. Eu vim de muito longe para ir embora de mãos abanando. Qual é a terceira opção?

– Eles nos empalam com suas lanças, esperam a gente morrer, cortam nossos corpos em pedacinhos e espalham nossos restos para que os animais os encontrem. – Deixei que ele processasse essa informação. – Exceto nossas cabeças. Alguém vai levá-las no meio da noite de volta à cidade, onde serão desovadas na porta da casa mais próxima.

– Por favor, me diga que você está brincando.

Não era brincadeira. Mas o professor já estava apavorado o suficiente e não precisava de nenhuma história antiga sobre exploradores que passaram do limite com os *shatan*, ou sobre algum idiota que foi burro o bastante para se aventurar em território aborígene sem alguém como eu para escoltá-lo. Eu não estava exagerando, e ele pareceu perceber. Concordou com a cabeça e desviou o olhar.

Os *shatan* terminaram a conversa entre eles. Sem olhar para nós, voltaram para seus *hattases* e montaram novamente. Por um momento achei que eles seguiriam a segunda opção, mas então apontaram suas montarias na nossa direção.

– *Hessah* (Venham) – disse um deles.

Parei de prender a respiração. Iríamos nos encontrar com o chefe da aldeia.

A aldeia tinha mudado desde minha última visita. Quando os *shatan* se tornaram nômades, os povoados se transformaram em cidades de tendas, coisas simples de serem desmontadas, empacotadas e realocadas conforme a necessidade. Mas aquela tinha sido feita para durar. Parecia que os habitantes haviam decidido que ficariam no oásis por bastante tempo. Prédios baixos de adobe com tetos retos ocupavam o lugar de muitas tendas, e andaimes se apoiavam em uma muralha de pedra que estava sendo construída para cercar tudo. Se esse lugar tinha um nome, eu não sabia qual era.

Ao chegarmos à aldeia, o Dr. Al-Baz e eu estávamos cansados e com os pés machucados. Conforme o esperado, os guerreiros insistiram que deixássemos o jipe para trás, embora tivessem permitido que pegássemos nossas mochilas. Eles cavalgaram lentamente ao nosso lado por todo o caminho e relutavam em nos deixar descansar. Permaneceram em silêncio por quase todo o caminho,

mas, quando avistamos o povoado, um deles ergueu uma concha encurvada que parecia um amonite gigante. O sopro longo e alto desse chifre foi respondido alguns segundos depois por um chamado semelhante da aldeia. O professor e eu trocamos um olhar desconfiado. Agora não dava mais para voltar, os habitantes sabiam que estávamos chegando.

Ao entrarmos por um portão semiconstruído e descermos por ruas de terra batida, a aldeia parecia vazia. Não havia ninguém à vista e as únicas coisas que se moviam eram *hattases* amarrados a postes. As tendas estavam fechadas e as estreitas janelas das casas de adobe também. Não, o lugar não estava deserto: as pessoas que viviam ali haviam se escondido. O silêncio era apavorante e ainda mais perturbador do que as lanças que os guerreiros apontavam para nossas costas.

O centro da aldeia era um pátio que cercava um poço artesiano, com um grande edifício de adobe dominando um lado da praça. O único *shatan* que havíamos visto desde a nossa chegada olhava para nós do alto da torre de madeira de um dos edifícios. Ele esperou até chegarmos perto do prédio, levantou seu instrumento e soprou. Os guerreiros pararam seus *hattases*, desmontaram e em silêncio fizeram gestos para que os acompanhássemos. Um deles empurrou para o lado o cobertor trançado que servia como porta do edifício e o outro nos levou para dentro.

O aposento estava na penumbra; só era iluminado por um raio de luz do sol que passava por um furo no teto. O ar espesso devido a um incenso almiscarado vagava em camadas nebulosas e fazia meus olhos lacrimejarem. Vários *shatan* vestidos em mantos estavam em pé ao redor do salão, os rostos escondidos por capuzes que cobriam as cabeças; eu sabia que nenhum deles era mulher, pois as mulheres eram sempre mantidas longe dos visitantes. O único som era o pingar lento e constante de um relógio d'água, cada gota anunciando a passagem de mais dois segundos.

O chefe estava sentado no meio da sala. Mãos de longos dedos repousavam sobre os braços de seu trono de arenito e olhos dourados nos encaravam entre fios de cabelos embranquecidos pela idade. Ele não usava nada que indicasse sua posição de líder tribal a não ser um implacável ar de autoridade. Percebemos que era o chefe quando levantou ambas as mãos e as abaixou até que tivéssemos parado. Ele ficou em silêncio por um minuto inteiro.

Por fim, disse:

– *Essha shaka Hamsey?* (Por que você está aqui, Ramsey?)

Achei que não o conhecia, mas era óbvio que ele sabia quem eu era. Ótimo. Isso tornaria as coisas um pouco mais fáceis. Respondi no idioma nativo:

– Trago alguém que deseja aprender mais sobre seu povo. Ele é um sábio da Terra, um professor. Ele ensina a outros que também desejam se tornar sábios. Ele quer pedir um favor a você.

O chefe virou seu olhar de mim para o Dr. Al-Baz.

– O que você quer?

Olhei para o professor.

– Ok, agora é sua vez. Ele quer saber o que você quer. Vou traduzir. Mas tome cuidado... eles se ofendem com facilidade.

– É o que parece. – O Dr. Al-Baz estava nervoso, mas disfarçava bem. Lambeu os lábios, pensou por um momento e seguiu em frente: – Diga a ele... Diga a ele que eu gostaria de coletar uma pequena amostra de sangue de um membro de seu povo. Só algumas gotas já serviriam. Desejo ter isso porque quero saber... quero dizer, porque gostaria de descobrir... se o povo dele e o meu têm ancestrais em comum.

Esse parecia ser um jeito respeitoso de pedir o que ele queria, por isso me voltei para o chefe e repeti o que o professor dissera. O único problema era que eu não conhecia a palavra aborígene para “sangue”. Ela nunca havia surgido em qualquer conversa anterior que eu tivera. Por isso precisei generalizar um pouco, chamando de “líquido que corre dentro de nossos corpos” enquanto fazia a mímica de uma veia percorrendo o interior de meu braço direito e torcia para que ele entendesse o que eu queria dizer.

Ele entendeu. Olhou para mim friamente, sem acreditar, os olhos dourados faiscando, os lábios finos se contorcendo em um rosto que antes parecia estoico. Ao nosso redor, ouvi os demais *shatan* murmurando uns para os outros. Eu não sabia o que falavam, mas não parecia que estavam felizes.

Nós estávamos em apuros.

– Quem ousa dizer que *shatan* e *nashatan* têm os mesmos ancestrais? – disse o chefe, irritado, as mãos se fechando em punhos ao se inclinar para a frente em seu trono. – Quem ousa crer que seu povo e o meu são iguais de qualquer maneira que seja?

Traduzi o que ele dissera para o Dr. Al-Baz. O professor hesitou e depois olhou direto para o chefe.

– Diga a ele que ninguém acredita nessas coisas – começou, a voz calma e deliberada. – É apenas uma hipótese... uma suposição... que eu quero descobrir se é verdadeira ou falsa. Por isso preciso de uma amostra de sangue, para descobrir a verdade.

Respirei fundo, torci para conseguir sair dali com vida e traduzi a explicação do professor. O chefe continuou a nos encarar ameaçadoramente enquanto eu falava, mas pareceu se acalmar um pouco. Por longos segundos, ficou em silêncio. E então tomou uma decisão.

Enfiando a mão dentro de seu manto, retirou uma adaga de osso de uma bainha em seu cinturão. Meu coração bateu mais forte ao ver a luz cair sobre a lâmina branca e afiada. Quando ele se levantou e caminhou em nossa direção, achei que minha vida havia chegado ao fim. Mas ele parou na frente do Dr. Al-Baz e, ainda olhando direto em seus olhos, ergueu a mão esquerda, encostou a faca na palma e correu a lâmina por sua pele.

– Eis meu sangue – disse ele, estendendo sua mão.

Não precisei traduzir. O Dr. Al-Baz rapidamente colocou a mochila no chão e a abriu. Retirou uma seringa, pensou melhor e acabou puxando um tubo de ensaio plástico. O chefe fechou bem o punho e deixou o sangue escorrer por entre os dedos. O professor recolheu o máximo que pôde em seu tubo de ensaio. Depois da coleta, pegou um pequeno frasco, adicionou duas gotas de anticoagulante, tampou o tubo e acenou positivamente com a cabeça para o chefe.

– Diga a ele que eu agradeço muito a gentileza – disse o Dr. Al-Baz – e que voltarei para lhe dizer o que descobri.

– O diabo que vamos voltar!

– Diga a ele. – Seus olhos jamais deixaram os do chefe. – De um jeito ou de outro, ele merece saber a verdade.

Prometer ao chefe que pretendíamos voltar era a última coisa que eu queria fazer, mas o fiz mesmo assim. Ele demorou um pouco para responder e simplesmente deixou a mão cair, permitindo que seu sangue escorresse direto para o chão.

– Sim – disse ele por fim. – Voltem e me digam o que descobriram. Eu também desejo saber. – Então deu as costas para nós e voltou ao seu trono. – Agora vão embora.

– Ok – sussurrei, sentindo meu coração bater alucinado. – Você conseguiu o que queria. Agora vamos embora daqui antes que nos degolem.

Dois dias depois, eu estava sentado no bar do cassino do John Carter, bebendo tequila e jogando algumas partidas de videopôquer na máquina à minha frente. Descobrira que não me incomodava mais com aquele lugar, desde que eu ficasse de costas para tudo que acontecia ao meu redor. Além disso, eu podia beber de graça se colocasse uma moeda na máquina de vez em quando. Pelo menos era isso o que eu dizia a mim mesmo. A verdade era que havia certa sensação de segurança no ambiente brega do cassino. Aquele lugar era uma fantasia, claro, mas naquele momento eu preferia isso à realidade perturbadora que visitara dois dias antes.

Omar al-Baz estava no andar de cima, usando o equipamento que trouxera para analisar o sangue do chefe. Nós havíamos ido direto para o hotel assim que retornamos à cidade, mas, quando ficou claro que levaria um tempo para o professor fazer sua mágica, decidi descer e tomar um drinque. Talvez eu devesse ter voltado para casa, mas ainda estava acelerado por causa da longa viagem de volta, por isso dei ao Dr. Al-Baz o número do meu celular e pedi que me ligasse assim que descobrisse alguma coisa.

Fiquei surpreso comigo mesmo por ficar ali. Quando volto de uma viagem ao território selvagem, tudo que quero é tirar as roupas que usei por vários dias e tomar um belo gole de cerveja e um longo banho de banheira. Em vez disso, ali estava eu, entornando um coquetel atrás de outro enquanto provava que não sabia absolutamente nada de pôquer. O bartender me estudava e as garçonetes tentavam ao máximo me evitar, mas eu não me importava com esse pessoal. Eles eram marcianos fajutos, inofensivos. Os que eu havia encontrado um pouco antes teriam me matado se eu olhasse torto para eles.

Durante todos esses anos em que saí para o território selvagem, aquela foi a primeira vez que fiquei realmente apavorado. Não pelo deserto, mas por seus habitantes. Nunca havia sido ameaçado por um *shatan*, nem mesmo de forma implícita, até o momento em que o chefe puxou uma faca e marcou a palma de sua mão com a lâmina. Claro, ele fizera aquilo para dar ao Dr. Al-Baz um pouco de seu sangue, mas havia outro sentido em suas ações.

Era um aviso... e os *shatan* não são levianos com seus avisos.

Era por isso que eu tentava ficar bêbado. O professor estava empolgado demais para pensar em qualquer coisa a não ser o sangue que acabara de

coletar; durante todo o caminho de volta ele não conseguira falar sobre nada além daquilo. Mas eu sabia que havíamos passado por um grande perigo e que nossa morte teria sido terrível.

No entanto, o chefe não tinha sido obrigado a ceder seu sangue, ele até pediu que voltássemos assim que o professor soubesse a verdade. Aquilo me intrigou. Por que ele estaria interessado nos resultados se o simples pensamento de estar relacionado a um humano era tão aterrorizante?

Joguei fora mais uma moeda, apertei os botões e vi a máquina me dizer que havia perdido de novo. Olhei ao redor para tentar chamar uma garçonete e fazer com que ela me trouxesse outro drinque. Dejah, Thuvia, Xaxa qualquer que fosse o nome, aparentemente estava no seu intervalo, eu não conseguia encontrá-la em parte alguma. Ia tentar de novo minha sorte quando alguma coisa chamou minha atenção. A TV do bar mostrava o noticiário da noite e o homem da previsão do tempo estava parado em frente ao mapa. Eu não conseguia ouvir o que ele dizia, mas ele apontava para um sistema animado de nuvens a oeste de Rio Zephyria que se movia pelo deserto na direção do canal Laestrygon.

Parecia que uma tempestade de areia estava se formando em Mesogaea, na região de terra seca adjacente a Zephyria. Esse tipo de tempo não é incomum no verão; chamamos isso de *haboobs*, a palavra árabe para tempestade de areia que de algum modo conseguiu chegar até Marte. Pelo aspecto da coisa, ela chegaria à vastidão selvagem de Zephyria no dia seguinte à tarde. Ainda bem que eu estava em segurança; a última coisa que alguém poderia querer era ser apanhado no deserto durante uma tempestade feia daquelas.

Uma garçonete passou, ajustando uma faixa da parte de cima do biquíni de sua fantasia. Levantei meu copo e o balancei para a frente e para trás em silêncio, e ela fingiu um sorriso ao acenar com a cabeça e seguir para o bar. Eu estava procurando outra moeda nos bolsos para que ela visse que eu ainda fingia ser um jogador quando meu celular tocou.

– Jim? Você ainda está aí?

– No bar, professor. Desça e venha tomar um drinque comigo.

– Não! Não tenho tempo para isso! Suba agora mesmo! Preciso ver você!

– O que está acontecendo?

– Venha cá rápido! Vai ser melhor se eu lhe mostrar.

O Dr. Al-Baz abriu a porta à primeira batida. Ao ver o copo de coquetel na minha mão, ele o tomou de mim e o esvaziou de um só gole.

– Meu Deus – disse ele, quase sem fôlego. – Como eu precisava disso!

– Quer que eu traga outro?

– Não... mas você pode me pagar uma bebida quando eu chegar a Estocolmo. – Não entendi o que ele quis dizer com isso, mas, antes que eu pudesse perguntar, ele me puxou para dentro do quarto. – Veja – continuou, apontando para um dos computadores montados no bar. – Isso é incrível!

Caminhei até lá e olhei para a tela. Nela eram exibidas fileiras de As, Cs, Gs e Ts, dispostos numa série aparentemente infinita de combinações, com manchas que pareciam um pouco com travessões correndo numa barra vertical que descia pelo lado direito da tela. Um aglomerado de cinco linhas de combinações e manchas estava realçado em amarelo.

– Ok, bem – falei. – Desculpe, professor, mas o senhor vai ter que...

– Você não faz ideia do que está olhando, faz? – perguntou ele, e eu balancei a cabeça. – Este é o genoma humano... o código genético presente em todos os seres humanos. E estas... – A mão dele tremia ao apontar para o aglomerado realçado. – São seções idênticas ao genoma parcialmente sequencializado do espécime aborígine.

– São idênticas?

– Exatamente. Não há erro... ou pelo menos nenhum que os computadores possam detectar. – O Dr. Al-Baz respirou fundo. – Está entendendo o que eu quero dizer? A hipótese está correta! A vida humana pode ter se originado em Marte!

Fiquei olhando para a tela. Até então eu não acreditava realmente em nada do que o Dr. Al-Baz falava; parecia muito improvável para ser verdade. Mas, agora que as provas apareciam à minha frente, percebi que estava olhando uma coisa que mudaria as bases da ciência. Não, não só a ciência... mudaria toda a história, forçando a humanidade a reconsiderar suas origens.

– Meu Deus – sussurrei. – Já contou para alguém? Na Terra, quero dizer.

– Não. Estou tentado a enviar uma mensagem, mas... não, preciso confirmar isso. – Ele caminhou até a janela. – Precisamos voltar – disse ele, mantendo a voz baixa porém firme ao olhar para as luzes da cidade e, além delas, para a vastidão escura do deserto. – Preciso de mais uma amostra de sangue, desta vez de um *shatan* diferente. Se a mesma sequência aparecer na segunda amostra, teremos certeza.

Um calafrio percorreu minhas costas.

– Não tenho certeza de que seja uma boa ideia. O chefe...

– O chefe nos disse que queria saber o que descobrimos. Vamos dizer a ele e explicar que precisamos de mais sangue... Só um pouquinho mais... De outro membro da tribo, para garantir que é verdade. – O Dr. Al-Baz se virou e olhou para mim. – É um pedido razoável, não é?

– Não acho que ele vá ficar muito feliz com isso, se você quer saber.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos, pensando no que eu havia acabado de dizer.

– Bem... esse é um risco que nós vamos ter que assumir. Vou pagar a você novamente por outra viagem, se essa é sua preocupação... Na verdade, vou dobrar sua tarifa original. Mas preciso voltar o mais rápido possível. – Ele continuou a olhar pela janela. – Amanhã de manhã. Quero partir amanhã de manhã.

Minha cabeça estava começando a doer; parecia que lâminas cegas pressionavam minhas têmporas. Eu não devia ter bebido tanto. Devia ter recusado a oferta ali, naquele instante. Mas receber o dobro por mais uma viagem era uma ideia boa demais para não aceitar; eu precisava do dinheiro, ele pagaria meu aluguel por dois meses. Além disso, eu estava bêbado demais para argumentar.

– Ok – respondi. – Partimos amanhã cedo.

Voltei para minha casa, tomei uma aspirina, tirei minhas roupas sujas, joguei uma água no corpo e caí na cama. Mas custei a dormir. Fiquei olhando para o teto enquanto pensamentos nada agradáveis rondavam minha mente.

O que o chefe faria quando Omar al-Baz dissesse que sangues *shatan* e *nashatan* eram muito parecidos e que nossas raças poderiam ter a mesma origem? Ele não ficaria satisfeito, isso era certo. Os aborígenes nunca quiseram manter relações com os invasores terráqueos; assim que nossas naves chegaram, eles recuaram para a vastidão selvagem. Foi por isso que eles se tornaram nômades...

Mas havia mudado, não é mesmo? O significado do que eu havia visto na aldeia subitamente ficou claro para mim. Aquela tribo não só construíra casas permanentes, eles também estavam erguendo uma muralha. Isso queria dizer que planejavam permanecer no mesmo lugar por algum tempo e estavam tomando medidas de defesa. Eles cansaram de fugir de nós e agora se preparavam para lutar.

Até agora, os colonos humanos tinham ignorado os *shatan*, pensando

neles como selvagens reclusos. Era melhor deixá-los em paz. Mas isso mudaria se os humanos passassem a acreditar que o *Homo sapiens* e o *Homo artesian* eram primos. De repente iríamos querer saber tudo sobre eles. Primeiro viriam mais biólogos como o Dr. Al-Baz, mais antropólogos como o Dr. Horner. Talvez não fosse tão ruim... Mas logo atrás deles viriam *todos os outros*. Historiadores, jornalistas, ônibus de excursão e safáris com câmeras, empreendedores na esperança de ganhar um trocado, missionários determinados a converter almas infieis, magnatas do mercado imobiliário procurando terra de primeira na qual construir condomínios com uma bela visão daquelas peculiares aldeias aborígenes...

Os *shatan* não tolerariam algo assim. E o chefe saberia que isso era inevitável no momento em que o Dr. Al-Baz lhe contasse o que descobrira. Primeiro ele ordenaria que seus guerreiros matassem nós dois. E depois...

Imaginei os horrores que o futuro traria. Ondas e mais ondas de guerreiros *shatan* descendo sobre Rio Zephyria e as outras colônias, determinados a expulsar os invasores de seu mundo de uma vez por todas. Ah, nós tínhamos armas superiores, isso é verdade... Mas eles ganhavam em número. Seria apenas questão de tempo antes que eles capturassem algumas de nossas armas e aprendessem a usá-las. Naves da Terra mandariam soldados para defender as colônias, mas a história não é gentil com possíveis conquistadores. Existiam duas possibilidades: ou eles nos mandavam embora, mesmo que devagar, ou cometeríamos genocídio, exterminando tribos inteiras e empurrando os poucos sobreviventes ainda mais para dentro do território selvagem.

De qualquer maneira, o resultado seria horrível. A guerra chegaria ao mundo batizado com o nome de um deus da guerra. Sangue vermelho cairia sobre areia vermelha, tanto de humanos quanto de marcianos.

Uma tempestade se aproximava. Mas lembrei de uma tempestade diferente e soube o que devia fazer.

Dois dias depois fui encontrado cambaleando para fora do deserto, todo coberto de areia vermelha, do cabelo até as botas. O único local que não estava vermelho eram as manchas pretas ao redor dos meus olhos, onde ficavam os óculos de proteção. Eu estava desidratado e exausto a ponto de delirar.

E estava só.

Ironicamente, as pessoas que me resgataram eram outro guia e a família de Minneapolis que ele havia levado para o deserto nos arredores de Rio Zephyria. Pouco me recorde do que aconteceu depois que desabei a seus pés e precisei ser carregado para o Land Rover do guia. Só lembro com clareza do gosto doce da água em minha boca rachada, de uma garota adolescente olhando para mim com olhos azuis angelicais ao colocar minha cabeça no seu colo e da volta longa e cheia de percalços até a cidade.

Eu ainda estava no leito de hospital quando a polícia veio me ver. A essa altura já me recuperara o bastante para lhes dar um relato claro e razoavelmente plausível do acontecido. Como qualquer boa mentira, aquela estava embasada na verdade: o violento *haboob* que baixou de repente sobre nós nas colinas no deserto. O impacto que senti quando, cegado pela areia trazida pelo vento, bati em uma pedra, o que fez o jipe capotar. Como o Dr. Al-Baz e eu escapamos dos destroços, apenas para nos perdermos um do outro. Como eu consegui encontrar abrigo na lateral de um pináculo. E como o professor se perdeu na tempestade, para nunca mais ser visto.

Era tudo verdade, cada palavra. Eu só precisava deixar algumas coisas de fora, como o fato de ter deliberadamente dirigido para o deserto, mesmo sabendo que um *haboob* se aproximava, ou que, mesmo depois que vimos a neblina escarlate se erguer no horizonte a oeste, insisti em continuar em direção ao sul, enquanto dizia ao Dr. Al-Baz que conseguiríamos ultrapassar a tempestade. Os policiais nunca souberam que eu fora cuidadoso o suficiente para levar comigo um par de óculos e um lenço, e que me certificara de que o professor não tomasse as mesmas precauções. Tampouco souberam que eu mirei aquela pedra, muito embora pudesse ter desviado com facilidade.

Desabei ao falar sobre quando ouvi Omar al-Baz gritar meu nome, quando ele tentou desesperadamente me encontrar enquanto o ar era preenchido por areia vermelha que espetava a pele e a visibilidade se reduzia a poucos centímetros. Isso também era verdade.

O que eu não disse foi que o Dr. Al-Baz chegou a ficar a 3 metros de onde eu me abrigara, com meus olhos cobertos por óculos e um lenço enrolado na parte de baixo do meu rosto. E mesmo assim permaneci em silêncio ao ver sua forma indistinta passar por mim com passos arrastados, braços esticados cegamente à frente, sufocando devagar com a areia que enchia seu nariz e sua garganta.

Minhas lágrimas eram honestas. Eu gostava do professor. Mas o que ele sabia o tornava perigoso demais.

Minha história funcionou. Quando a equipe de busca saiu para o deserto, localizou meu jipe capotado. O corpo de Omar al-Baz foi encontrado a cerca de 15 metros, virado de rosto para baixo e coberto por vários centímetros de areia. Nossas pegadas foram apagadas pelo vento, claro, então não havia como dizer quanto o professor estivera perto de mim.

Isso acabou com qualquer dúvida dos policiais. A morte do Dr. Al-Baz foi acidental. Eu não tinha motivo para matá-lo, não existia nenhuma prova de crime. Se eu era culpado de alguma coisa, era apenas de comportamento irresponsável e tolo. Minha reputação profissional estava manchada, mas isso era tudo. A investigação foi oficialmente concluída no dia em que recebi alta do hospital. Nesse momento, percebi duas coisas: eu me livraria da acusação de assassinato, mas meu crime estava longe de ser perfeito.

O Dr. Al-Baz não havia levado o sangue do chefe ao sair do hotel. Ele ainda estava no quarto, junto com todo o equipamento do professor. Isso incluía os computadores que ele usara para analisar a amostra; os resultados estavam salvos ali, e as notas que ele tomou, também. Na verdade, o professor só havia levado a chave do quarto... e eu não pensei em pegá-la quanto tive a chance.

Não pude voltar ao quarto do hotel; qualquer esforço para entrar teria despertado suspeitas. Só pude ficar olhando do saguão quando, dois dias depois, os carregadores tiraram de lá um carrinho com as caixas de equipamento que seguiriam para o espaçoporto e embarcariam no ônibus espacial que as levaria para um cruzador marciano estacionado na Estação Deimos. Em poucos meses o material do professor estaria de volta nas mãos de seus amigos da universidade. Eles abririam os arquivos digitais, inspecionariam o que seu colega falecido havia aprendido e examinariam a amostra de sangue que ele havia coletado. E então...

Bem. Daí teremos que pensar em alguma coisa, não?

Agora fico sentado sozinho no bar do meu bairro. Bebo e espero a tempestade chegar. E nunca mais irei para o deserto.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

